

A cadeira de Kitéria¹

Neucimeire Santos de SOUZA²

Patricia da Silva BARBOSA³

Ilanna dos Santos BARBOSA⁴

Bruno ROSA⁵

Anaelson Leandro de SOUSA⁶

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

A Cadeira de Kitéria é um roteiro ficcional realizado por alun@s do curso de Jornalismo em Multimeios, campus III da UNEB. Conta a estória de Kitéria, uma adolescente que passa a ter a necessidade de conviver com a cadeira de rodas, mas que, por conta disso, enfrenta dificuldade em aceitar essa nova condição. No entanto, algo de mágico acontece e ela passa a ver a cadeira de uma forma diferente. A proposta é promover a aceitação do público jovem, que por algum motivo veio a usar a cadeiras de rodas, bem como mostrar a acessibilidade de uma forma diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; ficção; roteiro; acessibilidade

INTRODUÇÃO

O cinema desde o seu nascimento teve como principal função representar a nossa vida. Foi assim desde a primeira exibição pública em 1895 no *Grand Café*, Paris, sob a responsabilidade dos irmãos Louis e Auguste Lumière. As imagens seminais de um trem chegando na estação e de trabalhadores saindo de uma fábrica mostravam momentos cotidianos, e logo o conjunto dessas imagens passaram a ser classificadas como filmes de atualidade.

De acordo com Leite (2003, p.12) a invenção do cinema deve ser associada à vontade do homem, mais precisamente da segunda metade do século XIX, de reproduzir

¹Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA05 Roteiro de Ficção.

²Líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: neucimeire@gmail.com;

³Estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: patricia.sbarbosa1@gmail.com;

⁴Estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: ylanna96santos@gmail.com;

⁵Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: brunoemanoel@hotmail.com.

⁶Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA email: anlsouza@uneb.br

visualmente a realidade que estava à sua volta. A inovação tecnológica possibilitou vislumbrar o mito do realismo total, ou seja, a recriação do mundo à sua imagem.

(...) desde o seu nascimento a sétima arte demonstrou estar comprometida com a tentativa de reproduzir a realidade tal qual ela se apresenta ao olhar humano. O cinematógrafo nada mais é do que o coroamento dessa idealização. Se no início se fez tábua rasa da intervenção do homem na seleção de imagens, logo ficou clara a sua participação na captação e na escolha do material filmado (LEITE, 2003, p.89).

Devido à forte tendência documental vista nos primeiros anos do cinema, a ficção não veio de imediato. Nos primeiros anos os cinematógrafos apenas exibiam o dia-a-dia das pessoas, pequenas ações e paisagens da natureza. Penafria (1999) afirma que por volta de 1903 os filmes que retratavam a realidade foram ficando esquecidos e a ficção começou a ganhar espaço. “Depressa o público deles se aborreceu, passando a destacar-se o gosto pelas histórias romanceadas” (PENAFRIA, 1999, p. 37). As narrativas de ficção surgiram como pequenos esquetes cômicos, e logo foram incorporando elementos teatrais e literários.

(...) na ficção, os atores movem-se em cenários construídos para o efeito e atuam de acordo com o personagem que representam. A *mise en scene* ficcional exige encenação dos diferentes elementos que compõem a imagem de acordo com um certo critério visual. Constrói-se o ambiente que se entende adequado para apresentar o filme (PENAFRIA, 1999, p.27).

Nichols (2005) acrescenta que nos filmes de ficção a representação da vida é bem mais simplificada em relação ao documentário, pois as pessoas são tratadas como atores que exercem no processo de filmagem seu papel social: “Indivíduos estabelecem relações contratuais para atuar no filme; o diretor tem o direito, e a obrigação, de obter uma performance adequada. O ator é valorizado pela qualidade de sua atuação” (NICHOLS, 2005, p.31).

A ficção também pode ser entendida como uma forma de discurso que faz referência a personagens ou a ações que só existem na cabeça de seu autor e, em seguida, na do leitor/espectador. Segundo Aumont e Michel (2006), de modo geral, é ficção tudo o que é inventado como simulacro. Para eles, o discurso ficcional coloca um problema de pragmática, ou melhor, de relação entre o produtor e receptor. “Esse discurso, a princípio

não deve ser levado à sério; ele não engaja aquele que o profere como um julgamento ou uma proposição da linguagem da vida real” (AUMONT; MICHEL, 2006, p.125).

Para Souza (2001), o cinema é o lugar da ficção, e mesmo diante da produção de um filme mais "realista", o espectador sabe que está vendo um filme, sabe que entre o representado e sua representação existe uma mediação, um ponto de vista.

Segundo Costa (2003) o processo de produção de um filme passa pela capacidade de domínio e controle de técnicas específicas, que inclui a sua roteirização. Fild (2001) define que o roteiro “é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática” (p.11). Campos (2007), por sua vez, mostra em seu conceito os aspectos técnicos ao dizer que “é um esboço de uma narrativa que será realizada através de imagens e sons numa tela de cinema ou TV” (p.166).

Costa considera, ainda, o roteiro como uma técnica de elaboração ou “pré-visualização” de um filme sendo o ponto de referência para o preparo de todas as ações técnico-organizativos do filme. Ele acrescenta também que sendo o roteiro um texto peculiar, deve possuir qualidade expressiva ou dramática. “Além disso, tais qualidades devem ser funcionais para a compreensão de todos os aspectos psicológicos, estéticos, etc, por parte de todos aqueles que podem contribuir para o sucesso da obra” (COSTA, 2003, p. 166).

Como vimos, o roteiro é uma ferramenta imprescindível para a organização e execução de uma produção cinematográfica, servindo como uma bússola para aquilo que será capturado pelas câmeras. Sem ele, o planejamento necessário, nesta fase de pré-produção, corre o risco de ficar confuso e sem propósito.

O objetivo deste *paper* é apresentar o processo de criação do roteiro “A cadeira de Kitéria”, um curta-metragem de ficção, que foi adaptado de uma radionovela produzida por alun@s do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro - BA. Conta a estória de Kitéria, uma adolescente que passa a ter a necessidade de conviver com a cadeira de rodas, mas que, por conta disso, enfrenta dificuldade em aceitar essa nova condição. No entanto, algo de mágico acontece e ela passa a ver a cadeira de uma forma diferente.

OBJETIVO

O roteiro de ficção “A cadeira de Kitéria” foi uma atividade que surgiu em decorrência da criação de uma dramatização que teve como referência um tema de relevância social. O tema escolhido foi acessibilidade, e dentro dele a relação que os/as adolescentes portadores/as de deficiência mantinham com sua cadeira de rodas. Além disso, a ideia foi a de construir uma história que pudesse trazer uma heroína que não se vê nos filmes de ficção, por exemplo, apresentando, juntamente à isso, imagens e discursos motivacionais que representem essa realidade de forma a conferir estímulo para quem, de fato, a vivencia.

Convivemos com espaços onde a acessibilidade esbarra em obstáculos governamentais, na falta de políticas públicas voltadas para a efetivação desse direito e também em falhas atitudinais que não ajudam a propagar, implementar o desenvolvimento desse acesso à pessoa com necessidades especiais de deslocamento em espaços públicos e privados. Com vistas à isso, produziu-se um trabalho direcionado a essas questões, dando visibilidade a um tema cuja relevância não condiz com sua pouca difusão em sociedade.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar, em forma de roteiro de ficção, a estória da adolescente Kitéria, sua relação com a cadeira de rodas e seus enfrentamentos aos obstáculos presentes nos espaços físicos que a vida impôs à ela.

JUSTIFICATIVA

A acessibilidade, conforme a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), órgão integrante da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), é um atributo fundamental que garante a qualidade de vida das pessoas. Além do espaço físico, ela deve estar presente nos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, assim como em espaços abertos ao público e de uso público, tanto na cidade quanto no campo.

Desse modo, o roteiro apresenta relevância social ao mostrar uma estória que difunde uma temática pouco desenvolvida, principalmente, dentro de roteiros de ficção. A contribuição do trabalho para a reflexão acerca do tema enfatiza importância de se pensar a acessibilidade como um direito inegável e que deve ser garantido, acima de qualquer impasse, assegurando o direito de ir e vir com acesso adequado, presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU (1948) e na Carta Magna do Brasil de 1988.

Ademais, retratar a realidade de pessoas com deficiência é significativo para que estas possam ver-se representadas, num meio que, geralmente, as invisibiliza.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O roteiro de ficção é uma adaptação do *script* de uma radionovela realizado em 2015. Inicialmente, foi dada a equipe um tempo para que, com criatividade, fosse criada uma estória de ficção, ou que fosse uma adaptação de alguma obra literária. A equipe escolheu uma estória autoral. A orientação era que, antes de qualquer produção de cena ou diálogos, o grupo se empenhasse para a construção do argumento que segundo, Rabaça e Barbosa (1978), “é a ideia de enredo ou tema para uma obra que não contenha inicialmente qualquer indicação técnica” (p.22).

A escolha da personagem Kitéria surgiu a partir do desejo de criar uma estória de lutas e superações, onde o protagonista fosse alguém com limitações de mobilidade física. Queríamos retratar este caso abrindo espaço na mídia para mostrar a realidade dessas pessoas que enfrentam dificuldades interiores e exteriores, ao tempo em que fosse suscitado no público a ideia de que é possível vencer tais desafios através de políticas públicas, mas também pela motivação dos/as portadores/as de necessidades físicas no que compete à busca pela execução dos seus direitos. Em qualquer cidade, por menor que ela seja, é possível construir áreas acessíveis à todos e todas, é possível viver melhor e viver bem, mesmo com algumas limitações.

Após definido o argumento, foi então produzido um roteiro radiofônico com a estória. Meses depois o professor Anaelson Leandro, que ministrou no curso de Jornalismo em Múltiplos os componentes curriculares de Radiojornalismo e Comunicação Cinematográfica, sugeriu que fosse também viabilizada uma versão de roteiro para cinema, ou seja, uma adaptação. Para Rabaça e Barbosa (1978) adaptação é a transposição de uma obra para outro gênero ou veículo. É a “adequação de uma obra originalmente escrita na linguagem e na técnica de um determinado veículo para os códigos característicos de outro” (p.6).

Nessa transposição, o professor orientou as mudanças, como supressão do narrador, maior descrição de cenários, corte e adaptação de diálogo. E assim, com muita imaginação foi realizada a adaptação do roteiro a “Cadeira de Kitéria”

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O roteiro foi estruturado com os seguintes aspectos: cabeçalho de cena, ação, diálogos. No cabeçalho indicamos se o ambiente é interno ou externo, descrevemos o lugar e indicamos em que período do dia a cena se desenvolve; na ação descrevemos o que acontece na cena; o bloco de diálogo é composto de dois componentes obrigatórios, Personagem e Diálogo, e um opcional, o Parenthetical (indicação de uma ação ou emoção de um personagem). A fonte utilizada no roteiro é a courier, corpo 12.

Três personagens compõem o roteiro A Cadeira de Kitéria. Os principais são: a protagonista Kitéria, uma menina de 16 anos que, inicialmente se mostra frágil, solitária e revoltada, mas com o decorrer da estória, encarna uma personalidade determinada e heroica; sua mãe Lúcia, 38 anos, é uma viúva de personalidade forte, dedicada e amorosa. Seu marido morreu no mesmo acidente que deixou Kitéria paraplégica; e o jornalista que transmite a notícia na Tv, é um personagem secundário.

A maioria das cenas acontecem na casa de Kitéria, um lugar simples, com dois quartos, uma sala, banheiro, cozinha e quintal. O quarto da protagonista, que será muito utilizado nas gravações, consiste num pequeno espaço com uma cama de solteiro, guarda-roupas, televisão, e sua cadeira de rodas ao lado da cama. O cenário da cidade é constituído por lojas, residências, avenidas e ruas largas e canteiros.

CONSIDERAÇÕES

A realização deste trabalho, primeiro para o rádio e depois a adaptação para o cinema, nos proporcionou um leque de aprendizagens. Cada interface possui características próprias, as quais pudemos conhecê-las e utilizá-las. O roteiro para o cinema, em especial, exigiu que pensássemos na viabilidade dos objetos, cenários e personagens de modo a permitir que uma estória fictícia pudesse ser produzida com condições “reais”. Isso foi desafiador e bastante instigante para nossa carreira de jornalista em multimeios.

A construção da estória de Kitéria nos fez adentrar numa realidade que, até então, pouco conhecíamos. Foi necessário estudo, pesquisas, conversas, observações na rua, em estabelecimentos públicos e privados para entender como a cidade se organiza (ou não)

perante à acessibilidade. Foram momentos de descoberta, de revolta, mas de prazer pelo tema escolhido e pela possibilidade de levar adiante uma questão que precisa estar em pauta na sociedade.

A estória de Kitéria faz alusão à vida de várias pessoas que nasceram com deficiências físicas ou adquiriram ao longo da vida. A sua mensagem final deixa aspectos de subjetividade, entre o que é real e o que é sonho e a ideia de que sem poderes mágicos é possível construir dentro de si um caráter de otimismo, determinação e luta, percebendo que a vida tem muito a oferecer aos portadores de necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques; Marie, MICHEL. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Trad. Eloisa Ribeiro Araújo. 2ª edição. Papyrus, Campinas, SP, 2006.
- CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de Cinema e Televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. Trad. Nilson Moulin Louzada. 3ª ed. Editora Globo, São Paulo, 2003.
- FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?**. Paulus, São Paulo, 2003.
- MASSARANI, Sandro. **Formatação Básica de Roteiro para Cinema**.
<<http://www.massarani.com.br/rot-formatacao-roteiro-cinema.html>> Acesso em 5 de maio de 2016.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Manins. Campinas/SP: Papyrus, 2005.
- PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Cosmos, 1999.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Codecri, Rio de Janeiro, 1978.

SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/acessibilidade-0>>. Acesso em: 30 de maio de 2016